

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CRIS CARLOS DE LIMA COSTA

**O PAPEL DO ENFERMEIRO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: uma revisão integrativa da literatura**

JUAZEIRO DO NORTE-CE

2025

CRIS CARLOS DE LIMA COSTA

O PAPEL DO ENFERMEIRO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO

AUTISTA: uma revisão integrativa da literatura

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Bacharelado em enfermagem do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharelado em Enfermagem.

Orientador/a: Profa. Ma. Ariádne Gomes Patrício Sampaio.

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2025

CRIS CARLOS DE LIMA COSTA

**O PAPEL DO ENFERMEIRO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: uma revisão integrativa da literatura**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Bacharelado em enfermagem do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharelado em Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Ariádne Gomes Patrício Sampaio.
Docente do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio
Orientadora

Prof. Ma. Aline Moraes Venâncio de Alencar
Docente do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio
1ª Examinadora

Prof. Esp. Mônica Maria Viana de Oliveira
Docente do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio
2ª Examinadora

Dedico esse trabalho a Deus, minha mãe, minhas filhas, meu esposo, meus sobrinhos e toda a minha família. Obrigada pelo apoio sem limites. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela força que me sustentou em todos os momentos desta caminhada. À minha família, em especial meus pais, que sempre acreditaram em mim, oferecendo apoio incondicional, amor e incentivo diante de cada desafio. As minhas filhas e esposo, que compreenderam minha ausência em muitos momentos e me apoiaram com carinho e paciência. A orientadora, pela dedicação, paciência e por acreditar no potencial deste trabalho, oferecendo conselhos e direcionamentos que foram fundamentais para a construção da pesquisa. Aos professores do curso de Enfermagem, que compartilharam seus conhecimentos e experiências, contribuindo para minha formação acadêmica e profissional.

Dedico também minha gratidão às famílias e crianças com Transtorno do Espectro Autista, que foram inspiração constante. Suas histórias e vivências reafirmaram a importância da assistência de Enfermagem humanizada e me motivaram a buscar caminhos de cuidado mais acolhedores e efetivos.

*“Uma criança com autismo não está quebrada.
Ela simplesmente vê o mundo de um jeito que
poucos conseguem”*

(Stuart Duncan)

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que impõe desafios à assistência em saúde, exigindo condutas específicas da equipe de enfermagem. Este estudo, teve como objetivo conhecer as condutas do enfermeiro na assistência à criança no Transtorno do Espectro Autista, por meio da revisão da literatura. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada no período de 2015 a 2024, por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), em razão de sua extensão nas áreas da saúde e na Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). Foi usado os Descritores em Ciências da Saúde (Descs): “Transtorno do Espectro Autista”, “Assistência de Enfermagem”, e “Cuidado da criança” e os Medical Subject Heading (Mesh). Utilizou-se como critérios de inclusão artigos primários, publicados na íntegra, gratuitos e em língua Portuguesa e Inglesa, obtendo um total de 07 artigos. Os resultados geraram três categorias temáticas: Conceito do enfermeiro sobre Transtorno do Espectro Autista; Conduta do enfermeiro as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA); Formação acadêmica em enfermagem e os desafios no cuidado à criança ao Transtorno Autista (TEA). Dessa forma, demonstraram que a atuação do enfermeiro é essencial para oferecer um cuidado individualizado, considerando as necessidades sensoriais, emocionais e comportamentais dessa população. As principais condutas identificadas incluem o acolhimento empático, a comunicação adaptada, o manejo adequado de comportamentos, a redução de estímulos ambientais e a participação da família no processo de cuidado. A literatura também revelou que muitos profissionais ainda apresentam insegurança no atendimento à criança com TEA, o que reforça a necessidade de capacitação contínua e da inclusão desse tema na formação acadêmica em enfermagem. Conclui-se que o enfermeiro desempenha papel indispensável na promoção de uma assistência integral, segura e humanizada, sendo fundamentais investimentos em educação permanente e políticas públicas que valorizem a inclusão e a qualidade do cuidado.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista. cuidado da criança. assistência de enfermagem.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that poses challenges to healthcare, requiring specific approaches from the nursing team. This study aimed to understand the nurse's role in the care of children with Autism Spectrum Disorder through a literature review. This is an integrative literature review, conducted between 2015 and 2024, using the Virtual Health Library (VHL), in the databases of Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS) and Nursing Database (BDENF), due to its scope in the health field, and in the Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). The Health Sciences Descriptors (DeCS) used were: "Autism Spectrum Disorder", "Nursing Care", and "Child Care" and the Medical Subject Headings (MeSH). The inclusion criteria used were primary articles, published in full, free of charge, and in Portuguese and English, resulting in a total of 7 articles. The results generated three thematic categories: Nurse's concept of Autism Spectrum Disorder; Nurse's conduct towards children with Autism Spectrum Disorder (ASD); Academic training in nursing and the challenges in caring for children with Autism Spectrum Disorder (ASD). Thus, they demonstrated that the nurse's role is essential to provide individualized care, considering the sensory, emotional, and behavioral needs of this population. The main identified behaviors include empathetic reception, adapted communication, appropriate behavior management, reduction of environmental stimuli, and family participation in the care process. The literature also revealed that many professionals still feel insecure in caring for children with ASD, which reinforces the need for continuous training and the inclusion of this topic in academic nursing education. It is concluded that nurses play an indispensable role in promoting comprehensive, safe, and humanized care, and that investments in continuing education and public policies that value inclusion and quality of care are fundamental.

Keywords: autism spectrum disorder. child care. nursing care.

LISTA DE FIGURA E QUADROS

QUADRO 01. Critério de busca dos artigos por meio do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (Descs) e Medical Subject Headings (Mesh) nas bases de dados. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2025.....	22
QUADRO 02. Critérios de inclusão e exclusão. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2025.....	23
FIGURA 01. – Fluxograma da seleção dos estudos de acordo com o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Juazeiro do Norte. Ceará Brasil. 2025.....	24
QUADRO 03. Síntese dos artigos escolhidos. Juazeiro do Norte – Ceará, Brasil. 2025.....	26
QUADRO 04. Síntese dos artigos escolhidos. Juazeiro do Norte – Ceará, Brasil. 2025.....	31

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

TEA	Transtorno do Espectro Autista
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia
TGD	Transtorno Global do desenvolvimento
CAPS.IJ	Centro de Atenção Psicossocial Infante – Juvenil
MS	Ministério da Saúde
SUS	Sistema nico de Saúde
PNH	Política Nacional de Humanização
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
MESH	Medical Subject Heading
LILACS	Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
BNENF	Base de Dados de Enfermagem
DESCS	Descritores em Ciências da Saúde
PRISMA	Checklist Preferred Reporting Items Systematic Review and Meta Analyses
CEP	Comitê de tica em pesquisa
RIL	Revisão Integrativa da Literatura
APS	Atenção Primária  Saúde
ESF	Estratégia Saúde da Família
TN	Transtorno Neurodesenvolvimental
IRDI	Indicadores Clínicos de Risco para o desenvolvimento Infantil
ND	Neurodesenvolvimento
TCI	Terapia Cognitiva Integrativa
UPAS	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVO	13
2.1 Objetivo geral.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 Aspectos gerais do transtorno do espectro autismo.....	14
3.2 A criança no estabelecimento de saúde.....	16
3.3 O papel do enfermeiro a criança com transtorno do espectro autista.....	17
4 METODOLOGIA	20
4.1 Tipo de estudo.....	20
4.2 Identificação da questão norteadora.....	20
4.3 Base de dados para a busca.....	21
4.4 Critérios de inclusão e exclusão.....	22
4.5 Procedimentos e instrumento de coleta.....	22
4.6 Análise, organização e interpretação dos resultados.....	23
4.7 Aspectos éticos e legais da pesquisa.....	24
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5.1 Conceito do enfermeiro sobre o transtorno do espectro autista (TEA)	33
5.2 Conduta do enfermeiro as crianças com transtorno do espectro autista (TEA)	35
5.3 Formação acadêmica em enfermagem e os desafios no cuidado à criança ao transtorno do espectro autista (TEA).....	37
5.4 Apoio familiar no processo de enfermagem ao transtorno do espectro autista.....	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	
APÊNDICES	
APÊNDICE A - Instrumento de organização e apresentação dos resultados.....	
ANEXO	
ANEXO A – Preferred Reporting Items Systematic Review and Meta-Analyses (PRISMA)...	

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que se evidencia por um crescimento atípico, mudanças na comunicação e interação social, ademais de tipos comportamentais repetitivos e interesse individual. Os sinais de alerta para provável retardo neurológico conseguem ser visto ainda nos primeiros meses de vida, portanto o diagnóstico do TEA habitual ocorre entre os 2 e 3 anos de idade. A condição é mais frequente nos meninos, e o reconhecimento precoce, acompanhada de intervenções pertinentes, pode colaborar para a progressão da criança (Brasil, 2015).

No Brasil, a inserção do autismo no Censo demográfico sucedeu com início em 2020, conforme determinado pela Lei n. 13.861, de 18 de julho de 2019. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) cerca de dois milhões de brasileiros encontram-se no espectro autistas retratando por volta de 1% dos habitantes (IBGE, 2020). Evidencia-se que o diagnóstico precoce permite um planejamento mais eficaz das necessidades educacionais, terapêuticas e sociais da criança ao longo da vida (Brasil, 2015).

Sabe-se que a ligação entre fatores genéticos e ambientais no TEA promove uma provável atuação correspondente, todavia é essencial ressaltar que um crescimento no risco não ocasiona absolutamente em uma causa direta (Brasil, 2015).

Os fatores ambientais são capazes de alterar a expectativa de evolução do transtorno em indivíduos geneticamente propensos, apesar de nenhuma delas ter uma conexão forte com o aumento ou diminuição do TEA. Dentre eles, encontram-se a exposição a agentes químicos, a deficiência de vitamina D e ácido fólico, se fez uso de substâncias contendo ácido valpróico durante a gestação, a prematuridade (idade gestacional inferior a 35 semanas), o baixo peso ao nascer (menor que 2,5 kg) gestação múltiplas, infecção maternas durante a gravidez e a idade parental avançada (Brasil, 2015).

Existe um reconhecimento do crescimento diagnóstico acelerado nos últimos tempos voltados para a epidemiologia do autismo. Este adquiriu uma terminologia específica, abrangendo vários outros pronunciamentos de sintomas da fase infantil retratada nos prontuários psiquiátricos anteriores, como a Síndrome de Asperger e o Transtorno Desintegrativo da infância (Almeida; Neves, 2020).

Quanto ao diagnóstico a área social efetua parte relevante na convicção sobre a epidemia do autismo. Por essa razão acarreta que seja ouvido e aplicado para as famílias que sofrem desconsolo com os sintomas de seus filhos, como para orientadores e outros especialistas que serão chamados a avaliar a disputa mencionado à integração (Almeida; Neves, 2020).

Portanto, percebe-se que a assistência requer compreensão, para designar, observar, desempenhar o atendimento individual ou em grupo, do mesmo modo de direcionamentos as famílias, cuidadores e profissionais da educação. Além do mais o estudo de Jerônimo *et al.* (2023) mostram complicações que podem ser diminuídas tanto na formação dos enfermeiros como também em educação e saúde com treinamento duradouro com tema TEA (Jerônimo *et al.*, 2023).

O valor do profissional de enfermagem na atenção às crianças TEA tem sido estudado e reconhecido sua relação direta e constante com esse paciente nos serviços de saúde primário, ademais possui habilidades para efetivar estratégias que proporcione a melhoria da qualidade de vida dessas crianças (Mota *et al.*, 2022).

Diante do exposto, a pesquisa se baseia no seguinte questionamento: Qual a conduta do enfermeiro à criança com TEA?

A pesquisa justifica-se, pois, o profissional enfermeiro deve ter um papel excepcional para um atendimento de qualidade e humano, recebê-lo, levar em consideração seu estado clínico e suas condições coexistentes sobretudo em momentos que exijam cuidados de saúde. É importante que o profissional saiba atender uma pessoa que está precisando de cuidado ou em observação clínica que tenha diagnóstico confirmado do Transtorno do Espectro Autista.

O interesse por esse tema despertou-se na vivência do ambiente hospitalar em que foi percebido que muitos profissionais da enfermagem não estão devidamente qualificados para acolher pacientes no transtorno do espectro autista, pois existem características específicas para esse transtorno que é de fundamental importância para o atendimento diferencial e humanizado. Para uma criança autista está em um ambiente carente de cuidado é um grande desafio pois, está fora da rotina que ele costuma viver, o que pode levar esse tipo de paciente a ser mais agressivo.

A pesquisa será de suma importância e contribuirá para fortalecer a necessidade de capacitações para o profissional de enfermagem, evitando crises e melhorando a dinâmica no atendimento tendo estratégias de comunicação e adaptação evitando atrasos e complicações.

Além disso, aperfeiçoará o atendimento a essas crianças que sofrem com autismo quando elas estão necessitando de atenção, ajudará as crianças ficarem menos agitadas, ser mais acolhida, pois ambientes adaptados minimizam desconfortos sensoriais para os pacientes e familiares se sentirem mais confiantes em buscar assistência.

Contribuirá divulgando resultados sobre o TEA, sobre a importância do acesso igualitário à saúde, a formação dos profissionais, melhorar a compreensão social sobre o autismo, um atendimento adequado favorece o bem-estar e autonomia dos pacientes.

2 OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

- Conhecer as condutas do enfermeiro na assistência à criança no Transtorno do Espectro Autista, por meio da revisão da literatura.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ASPECTOS GERAIS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO

O transtorno do espectro autista é compreendido como uma síndrome neuropsiquiátrica que envolve alterações no comportamento, dificuldades e comunicação e interação social, além de padrões repetitivos de conduta e interesses restritos. Esses sinais costumam surgir nos primeiros anos de vida e podem permanecer ao longo vida adulta (Brasil, 2015).

Considera-se que a compreensão das diferenças no desenvolvimento de crianças com autismo pode contribuir para uma identificação mais precoce da síndrome, especialmente porque aquelas com maior competência tendem a receber o diagnóstico tardio. E depois a ainda a discórdia associada ao diagnóstico diferencial (Basto; Cepellos, 2023).

O surgimento do Transtorno do Espectro Autista ainda não é completamente entendido, sendo associada a uma associação de fatores genéticos e ambientais, inexistente de uma única causa (Brasil, 2015).

Ainda que, os avanços científicos para desconstruir entendimentos estereotipadas sobre o autismo, a compreensão completa do espectro ainda é restrita. Isso se deve, em parte a diversidade dos achados que abrangem todas as variações individuais. Por isso, destaca-se a necessidade de novas pesquisas que explorem não apenas as dificuldades, mas também as competências sociais das pessoas com TEA (Basto; Cepellos, 2023).

Com o crescimento do número de casos de autismo entre crianças, faz-se necessário contar com profissionais adequadamente preparados, que atuem de maneira integrada para suprir as demandas de saúde dessas pessoas e promover uma melhor qualidade de vida. Assim destaca-se a importância da formação de equipes distintas (Barbalho; Silva, 2023).

No estudo de Shawa; Leandrob; Oliveira, (2021) independente da expressiva presença de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sociedade, a maior parte dos participantes afirmou não ter tido relação com indivíduos autistas em seu cotidiano. Isso pode estar pertinente a compreensão restrita sobre o autismo. Especialmente pela associação frequente do transtorno apenas a casos de maior severidade.

O reconhecimento de sintomas disfásicos em indivíduos com TEA pode ser complexa, uma vez que esses sinais muitas vezes estão relacionados tanto as comorbidades presentes quanto aos comportamentos característicos do transtorno (Araújo *et al.*, 2024).

A persistência da baixa visibilidade das pessoas com TEA pode ser analisada como um aspecto preocupante, uma vez que a falta de convivência direta tende a dificultar a compreensão

de suas vivências e conseqüentemente, favorece a disseminação de estereótipos e equívocos relacionados ao autismo (Shawa; Leandrob; Oliveira, 2021).

Embora tenha os progressos na identificação precoce do autismo e de outros Transtornos globais do desenvolvimento (TGD) no país, esses diagnósticos ainda correspondem a uma parcela reduzida, cerca de 30 % dos casos. A maior parte continua sem tipificação específica, o que pode afetar negativamente a qualidade da assistência prestada (Girianelli *et al.*, 2023).

O estudo de Rocha *et al.*, (2019) mostraram que os encaminhamentos para os serviços acontecem, geralmente, por causa de dificuldades na linguagem e a comportamentos problemáticos, tanto externalizantes quanto internalizantes. O estudo também permitiu traçar o perfil sociodemográfico dos usuários, mostrando que a maioria pertence a famílias nucleares. Verificou-se que cerca de um terço das considerações indicaram diagnóstico de autismo, com características do nível em 65,3% dos casos prevalecendo os níveis leve e moderado. E um predomínio considerável de indivíduos do sexo masculino (Rocha *et al.*, 2019).

No estudo de Shawa, Leandrob, Oliveira (2021) verificaram que a execução da palestra ministrada pelo grupo de extensão para a Triáde família-escola-especialistas e o desenvolvimento da pessoa com TEA, proporcionou a expansão do conhecimento dos participantes sobre o autismo, favorecendo a revisão de ideias precedentes e proporcionando uma compreensão mais extensa das características do transtorno, ademais dos comportamentos associados aos casos mais graves ou moderados.

A pesquisa dos dados expressou que os objetivos propostos pela palestra foram atingidos. No entanto, destacando-se que a implementação de mudanças comportamentais voltadas à inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista necessita de uma formação contínua dos profissionais da saúde e da educação. Desse modo, apesar de, as atividades de conscientização sejam fundamentais, é imprescindível que elas sejam acompanhadas por ações concretas que promovam práticas mais inclusivas (Shawa; Leandrob; Oliveira, 2021).

Pontes *et al.*, (2022) destacaram a importância de uma comunicação eficaz entres os profissionais da saúde e os familiares dos pacientes em unidades de pediatria, tendo em vista aperfeiçoar a qualidade no atendimento. Além do mais, ressalta-se a necessidade de ampliar o número de profissionais capacitados, baseado no trabalho de uma equipe multiprofissional.

3.2 A CRIANÇA NO ESTABELECIMENTO DE SAÚDE

O Internamento se refere ao ato de admitir um paciente em uma instituição de saúde como um hospital, para tratamento ou observação que requer permanência por um período contínuo. Procedimentos hospitalares, como internações e intervenções cirúrgicas, têm potencial para impactar negativamente o desenvolvimento infantil, podendo provocar alterações permanentes nas habilidades das crianças submetidas a essas experiências (Alexandre *et al.*, 2021).

O processo de hospitalização provoca mudanças significativas na vida da criança e de sua família, afetando tanto a dinâmica cotidiana quanto o bem-estar emocional e físico de todos os envolvidos. Os sintomas apresentados podem variar, incluindo expressando como dor, exaustão, sofrimento emocional, sentimento de culpa e alterações na rotina familiar (Pontes *et al.*, 2022).

Apesar de existir vários estudos voltados ao papel dos profissionais da saúde na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista, percebe-se uma carência de obras específicas sobre a atuação da enfermagem nesse ambiente. Portanto, torna-se importante contribuir para desenvolver o conhecimento sobre as contribuições da enfermagem no cuidado a criança autista, evidenciando a relevância de novos estudos que investigue a atribuições do enfermeiro, com o propósito de qualificar ainda mais a assistência oferecida nos serviços de saúde (Mota, *et al.*, 2022).

A execução da enfermagem atual requer muitas exigências no desenvolvimento contínuo de pesquisas que considere as necessidades integrais ao paciente, evidenciando a relevância de observar os efeitos do internamento na criança e em sua família, com ênfase em uma abordagem holística e em cuidados voltados as necessidades compartilhadas (Pontes *et al.*, 2022).

O estudo ajudou consideravelmente para compreender os efeitos da hospitalização na criança e em seus familiares, facilitando o desenvolvimento e a uniformização de cuidados individualizados voltados as necessidades desse público (Pontes *et al.*, 2022).

Nos estudos de Carvalho *et al.* (2020) os achados apontam a significância de identificar que a criança observa e procura entender de forma ativa o processo de hospitalização, tornando-se afetada por essa vivência em distintos aspectos da sua vida, até mesmo em relação as experiências anteriores à internação evidenciam-se a relevância de escolher métodos que diminuam os efeitos negativos desse processo e propiciem uma comunicação eficaz entre os profissionais de saúde e os pacientes pediátricos.

A assistência de profissionais habilitados e o uso de ferramentas adequadas no trabalho, tanto para execução do diagnóstico quanto para a guiar as intervenções são relevantes no cuidado. Desse modo, nota-se como é importante adotar um plano que incentive o desenvolvimento infantil, na finalidade de reduzir sofrimento e prevenir provável transtorno psicológico (Alexandre *et al.*, 2021).

Torna-se claro a necessidade de seguir métodos que minimizem os impactos negativos no acolhimento infantil evidenciando a importância de práticas de humanização no atendimento a criança e a sua família, com a intenção de proporcionar o bem-estar e transformar a acolhida em uma experiência mais positiva e participativa para a criança (Pontes *et al.*, 2022).

3.3 O PAPEL DO ENFERMEIRO A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A atuação acolhedora dos profissionais de saúde contribui para que a família se sinta segura em compartilhar suas angústias, dúvidas e receios, o que favorece o enfretamento do processo de adoecimento da criança. Ao adotar uma escuta sensível e uma comunicação eficaz levando em consideração as necessidades da família, o profissional de saúde pode despertar sentimentos positivos, como esperança, confiança e alegria, por meio do apoio e acolhimento oferecido (Araújo *et al.*, 2021).

De acordo com as diretrizes do Ministério da Saúde (MS), alinhadas aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e a Política Nacional de Humanização (PNH), sancionado em 2011, é resguardada uma assistência integral e humanizada, que favorece não apenas os aspectos físicos, mas também emocionais e espirituais do paciente, bem como o apoio à sua família (Brasil, 2011).

A participação da família no cuidado da criança com transtorno do espectro autista é relevante e destaca o papel da enfermagem em situações específicas, com o objetivo de prevenir possíveis piores sociais baseadas no transtorno (Basto; Cepellos, 2023).

O planejamento da assistência de enfermagem é fundamental para que o profissional assuma sua responsabilidade no cuidado à criança, propiciando a identificação das necessidades do paciente, a prescrição adequada das intervenções, o cuidado e a avaliação dos resultados, assegurando a qualidade do tratamento oferecido (Pontes *et al.*, 2022).

O estudo de Carvalho *et al.*, (2020) apontaram que os resultados são capazes de colaborar de forma importante para a prática clínica do enfermeiro, ao proporcionar reflexões sobre sua

atuação profissional e ampliar as oportunidades de intervenção que considere tanto a criança quanto sua família.

A recepção, quando observada sob o entendimento de crianças, demonstra tanto aspecto negativos, como o choque emotivo ocasionado pelo distanciamento do ambiente familiar e a exposição a agentes estressores, de modo positivos, como a presença de profissionais acolhedores e estratégias lúdicas no cuidado. Essas ideias ampliam a relevância de que os profissionais de saúde ampliem esse entendimento ao planejar intervenções mais humanizados e focadas no paciente pediátrico (Carvalho, *et al.*, 2020).

Destacam-se os pontos positivos no cuidado à criança, como o uso de brincadeiras, visitas, demonstrações de afeto e estratégias de comunicação adequadas, que colaboram para diminuir o sofrimento infantil e atender às suas demandas de forma mais sensível e eficaz (Carvalho, *et al.*, 2020).

Baseado no exposto, identifica-se o valor das atividades lúdicas e da abordagem psicológica no contexto hospitalar, portanto esse método ajuda a reduzir o sofrimento emocional da criança, permitindo a expressão de sentimentos como medo, culpa e tristeza, acima de favorecer o entendimento do processo de adoecimento e internação (Alexandre *et al.*, 2021).

O estudo de Alexandre et al, (2021), mostraram a importância e estratégias que ajude na adaptação da criança no cuidado. Recurso como leitura, atividades lúdicas, sessões de relaxamento e o uso de brinquedos mostram-se eficazes por simularem situações do dia a dia, transformando-se a experiência de internação menos traumática e colaborando para a prevenção de transtornos emocionais.

Nessa situação, evidencia a atuação de modo dinâmico do profissional de enfermagem na identificação, diagnóstico e tratamento da criança com autismo, considerando seu acompanhamento contínuo do crescimento e desenvolvimento infantil. Esse convívio permite que o enfermeiro seja, muitas vezes, o primeiro a perceber sinais característicos do transtorno, por outro lado contribui na construção e aplicação de estratégias voltadas a promoção recuperação e reabilitação da saúde da criança (Mota, *et al.*, 2022).

Assim sendo, evidencia a relevância de que o profissional da saúde esteja receptivo às modificações experimentadas pela criança e sua família, garantindo um atendimento integral, seguro e de qualidade, que leve em conta suas necessidades, expectativas e sentimentos (Carvalho *et al.*, 2020).

Os resultados do estudo de Barbalho, Silva (2023) permitiram alcançar como os enfermeiros compreendem a assistência especializada oferecida no CAPS-IJ a crianças e

adolescentes com transtorno do espectro autista. Esse desempenho exige preparo para fazer avaliações, atendimentos individuais e em grupo, assim como orientar familiares, cuidadores e profissionais da educação. Inclusive, foram mencionadas dificuldades que conseguem ser diminuídas através de ações educativas, tanto na formação inicial quanto na educação duradoura em saúde, evidenciando o tema TEA nesse caso.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

O estudo desenvolvido está relacionado uma pesquisa descritiva, caracterizada como uma revisão integrativa da literatura, de natureza qualitativa, tendo como foco a análise da produção científica sobre o tema abordado o papel do enfermeiro à criança com transtorno do espectro autista.

A revisão integrativa da literatura é conhecida por uma análise ampla de estudos já publicados, propiciando discussões sobre métodos, resultados e a identificação de direções para pesquisas futuras. Esse método tem como objetivo promover um entendimento aprofundado de um fenômeno exclusivo, a partir da análise de pesquisas anteriores, agregando diferentes projetos sobre o tema para proporcionar uma compreensão mais detalhada e aberto aos leitores (Mendes; Silveira; Galvão, 2019).

A revisão é conhecida como o estudo mais abrangente, pois compreende simultaneamente pesquisas quase-experimentais, experimentais, ademais dados teóricos e empíricos, possibilitando um entendimento mais completo do tema. Dessa forma, o pesquisador pode aumentar sua pesquisa com diversas finalidades, o que ajuda na complexidade dos conceitos, teorias ou problemas levantados (Mendes; Silveira; Galvão, 2019).

A elaboração de uma revisão integrativa da literatura requer os relatos claro de suas etapas que são bem definidas na literatura e concebem: (1) definição do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa; (2) determinação dos critérios de inclusão e exclusão; (3) especificação das informações a serem extraídas; (4) avaliação dos estudos escolhidos na revisão; (5) interpretação dos resultados; (6) apresentação da revisão (Mendes; Silveira; Galvão, 2019).

4.2 IDENTIFICAÇÃO DA QUESTÃO NORTEADORA

Santos (2019) destacou que a questão norteadora tem como função principal direcionar o desenvolvimento da pesquisa, precisando ser formulada de maneira clara, objetiva e em consonância com o tema selecionado, de modo a viabilizar o levantamento de informações prévias sobre o assunto pesquisado. A formulação da pergunta é uma etapa fundamental no processo da pesquisa. Para isso foi utilizado a estratégia chamada PICO, que auxilia na construção da pergunta norteadora. (P) população, (I) interesse e (CO) contexto (Santos, 2019).

Sendo para esse estudo (P) a criança autista, (I) o papel do enfermeiro a criança com TEA e (CO) a cuidado da criança. Surgindo o seguinte questionamento. Qual a conduta do enfermeiro no atendimento à criança com TEA?

4.3 BASE DE DADOS PARA BUSCA

A coleta de dados para o estudo de revisão foi efetuada, por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), em razão de sua extensão nas áreas da saúde e na Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). Foi usado os seguintes Descritores em Ciência da Saúde (Descs): “Transtorno do Espectro Autista”, “Assistência de Enfermagem”, “e “Cuidado da criança” e os Medical Subject Heading (Mesh). Entre os descritores para a busca dos artigos foi aplicado o operador booleano “AND”, como demonstra no quadro 1.

Quadro 1 - Critério de busca dos artigos por meio do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (Descs) e Medical Subject Headings (Mesh) nas bases de dados. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2025.

DESCS/MESH	BASES DE DADOS		
	LILACS	BDENF	MEDLINE
Transtorno do Espectro Autista AND Assistência de Enfermagem AND Cuidado da Criança/Autism Spectrum Disorder AND Nursing Care AND Child Care	19	9	162
Transtorno do Espectro Autista AND Assistência de Enfermagem/ Autism Spectrum Disorder AND Nursing Care	13	12	107
TOTAL	32	21	269

Fonte: Pesquisa direta, 2025.

A busca e coleta de dados dos estudos decorreu no período setembro e outubro de 2025.

4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

Os critérios de inclusão e exclusão escolhidos para essa pesquisa, estão mostrados no quadro 2.

Quadro 2 – Critérios de inclusão e exclusão. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2025.

FONTE	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Artigos Científicos	<ul style="list-style-type: none"> - Artigos publicados na base de dados 2015 a 2024; - Artigos científicos primários. - Artigos publicados na íntegra; - Artigos em língua portuguesa e Inglesa; - Artigos gratuitos; 	<ul style="list-style-type: none"> - Artigos de revisão; - Artigos repetidos; - Artigos Incompletos; - Artigos pagos; - Artigos que estivessem fora da temática em estudo e/ou por não atenderem aos critérios de elegibilidade. -Dissertação, teses, editoriais.

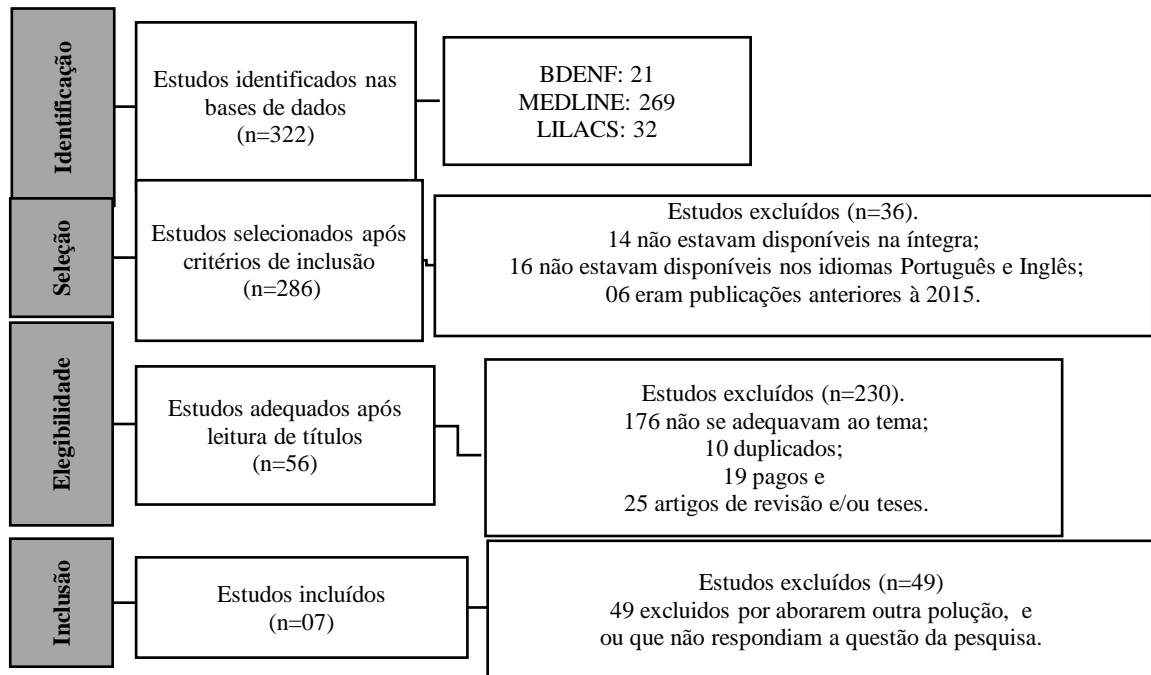
Fonte direta: (2025).

4.5 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, os artigos selecionados foram organizados de modo a evidenciar a relação entre eles, utilizando-se o Checklist Preferred Reporting Items Systematic Review and Meta – Analyses (PRISMA) proposta por Moher *et al*, (2009).

Foi realizada a escolha por títulos e ano de publicação, depois analisado o resumo. Nessa situação foram considerados os artigos que estiveram associados aos objetivos propostos na pesquisa e desse modo, obteve-se informações e dados a serem incluídos nesse trabalho.

Figura 01 – Fluxograma da seleção dos estudos de acordo com o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Juazeiro do Norte. Ceará Brasil. 2025.



Fonte: Elaboração própria.

4.6 ANÁLISE, ORGANIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

As explicações dos dados foram integradas por uma discussão aprofundada, sustentada por referências da literatura que trouxeram diretamente da temática em estudo. A organização e síntese qualitativa dos estudos selecionados escolhidos ocorrerão por meio da categorização conforme a temática definida, com o apoio de um quadro de amarração teórica que permitirá o detalhamento e a posterior interpretação dos dados. As informações relevantes dos artigos foram organizadas em um quadro conforme APÊNDICE A, contendo dados como: título, autoria, ano de publicação, bases de dados, objetivos da pesquisa, metodologia, nível de evidência científica e os principais resultados a fim de facilitar a visualização e sistematização das discussões.

As categorias temáticas auxiliam na interpretação dos dados de maneira clara e objetiva, possibilitando o agrupamento de ideias semelhantes ou distintas apresentadas pelos autores, o que contribui para autenticidade, confiabilidade e validade dos dados obtidos ao longo da pesquisa. (Sampaio; Lycarião, 2021).

4.7 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA

O estudo segue os princípios éticos e legais, não sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que, por se tratar de um Revisão Integrativa da Literatura (RIL), sua metodologia dispensa essa avaliação, conforme a Resolução 466/2012. Além disso, os direitos autorais dos trabalhos utilizados serão devidamente respeitados durante a elaboração do estudo (Brasil, 2012).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a busca realizada na base de dados, conforme descrito na metodologia, foram selecionados 07 artigos que responderam à pergunta de pesquisa. Esses estudos representam os principais achados relacionados ao cuidado oferecido pelo profissional de enfermagem à criança com TEA, conforme resumido no quadro a seguir.

QUADRO 03 - Síntese dos artigos escolhidos, Juazeiro do Norte- Ceará, Brasil, 2025.

	TÍTULOS DO ARTIGOS	AUTOR/ PERÍÓDICO ANO DE PUBLICAÇÃO	BASE DE DADOS	OBJETIVOS DE PESQUISA	ABORDAGEM METODOLÓGICA
1.	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade e na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras:	Correã I.S., Gallina F., Schultz, L.F. Revista, APS (Atenção Primária à Saúde) Brasil 2021.	LILACS	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura	Pesquisa descritiva, qualitativa realizada com nove enfermeiras da ESF em um município do Norte de Santa Catarina. Utilizou-se a análise temática para categorização e análise dos dados.
2.	The knowledge of the nursing team about autistic disorders in children in the light of the human caring theory	Soetl S.B., Fernandes I.C., Camillo S.O. Revista, ABCS Health Sciences Associação Brasileira de	LILACS	Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional.	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, que adotou a Teoria do Cuidado Humano de Jean Watson como referencial teórico. Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas com os profissionais

		Ciências da Saúde			s da equipe de enfermagem de uma Unidade Básica de Saúde-Escola da Região do ABC Paulista em maio de 2019. Seu conhecimento sobre o conhecimento acerca dos TEA em crianças foi avaliado com o auxílio de um roteiro norteador composto por 7 questões. A análise dos dados foi realizada por meio do método de Análise de Conteúdo.
3.	Assistência do enfermeiro (a) a crianças e adolescentes com Transtorno do espectro autista.	Jerônimo T.G.Z., et al. Revista, Acta Paul Enfermag em. Brasil 2023	BDE NF	Apreender a representação de Enfermeiros(as) sobre a assistência a crianças/adolescentes com Transtorno de Espectro Autista nos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil.	Pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva, com entrevista a cinco Enfermeiros (as) de Centros de Atenção Psicossocial Infantil. Realizada análise de conteúdo à luz da teoria das representações sociais

					dados feita por meio de entrevistas semiestruturadas, anamnese e intervenções de enfermagem
6.	Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.	Franzoi M.A.H., Santos J.L.G., Backes V.M.S., Ramos F.R.S., Revista, Texto & Contexto Brasil 2016	BDE NF	Relatar a experiência da aplicação da música como tecnologia de cuidado a estas crianças em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil.	Trata-se de um relato de experiência de um projeto de intervenção na prática profissional desenvolvido durante o Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem - Área: Atenção Psicossocial.
7.	Integrating care for neurodevelopmental disorders by unpacking control: A grounded theory study. Integrando o cuidado para transtornos do neurodesenvolvimento por meio da desconstrução do controle: um estudo de teoria fundamentada.	Waxegård G., Thulesius H. Editora, Taylor & Francis Internacional Suécia 2016	MED LINE	O objetivo deste estudo é descrever as perspectivas da equipe de enfermagem sobre o cuidado de crianças com transtornos do espectro autista (TEA) no hospital, as estratégias que eles usam para apoiar o cuidado e as relações entre esses fatores.	Usando a teoria fundamentada clássica (Glaser), analisamos os esforços para melhorar e integrar um caminho de cuidado de TN para crianças e jovens em uma região sueca ao longo de um período de 6 anos. Dados de 42 entrevistas individuais com uma variedade de profissionais de TN, nove entrevistas em grupo com equipes de saúde,

					observação participante, uma conferência de diálogo de 2 dias, reuniões de grupo focal, cobertura da mídia regional e relatórios de outros projetos regionais suecos de TN foram analisados.
--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria (2025).

QUADRO 4 - Síntese dos artigos escolhidos, Juazeiro do Norte- Ceará, Brasil. 2025.

	AUTOR/ PERIÓDICO ANO DE PUBLICAÇÃO	PRINCIPAIS RESULTADOS
1.	<p>Corrêa, I.S., Gallina F., Schultz, L.F.</p> <p>Revista, APS (Atenção Primária à Saúde)</p> <p>Brasil 2021.</p>	<p>As enfermeiras descrevem o TEA como transtorno neurológico, com impacto no desenvolvimento psicológico, social e relacional.</p> <p>Principais sinais identificados: atraso na fala, irritabilidade, movimentos repetitivos, ausência de interesse social isolamento, choro frequente e dificuldade relacional.</p> <p>Reconhecem a triagem precoce como papel essencial da enfermagem, destacando que quanto mais cedo identificado mais rápido pode iniciar tratamento e melhorar o prognóstico.</p> <p>Relatam sentimento de insegurança e dificuldade em abordar famílias e crianças diante da suspeita de TEA, sobretudo aquelas com menos tempo de formação.</p> <p>Falta de preparo acadêmico específico sobre TEA.</p> <p>Dificuldade de comunicação com a criança e família.</p> <p>Desconhecimento dos sinais iniciais e incerteza sobre como conduzir as suspeitas.</p> <p>Necessidade de articulações com outros profissionais (médicos, especialistas, escolas).</p> <p>Observação do comportamento e relatos dos pais durante consulta de puericultura.</p> <p>Ressaltaram a importância do uso de instrumentos padronizados para apoiar a triagem.</p> <p>Aplicação do IRDI foi considerada viável e positiva.</p> <p>Pontos positivos: Objetividade, checklist de observação, praticidade, divisão por faixa etária.</p> <p>Desafios: Dificuldades de interpretação de algumas questões e falta de familiaridade prévia com o instrumento. Todas as participantes reconheceram a relevância do IRDI, para a triagem e demonstram interesse em incorpora-los à rotina de puericultura.</p>
2.	<p>Soeltl S.B., Fernandes I.C., Camillo S.O.</p> <p>Revista, ABCS Health Sciences Associação</p>	<p>Enfatizando o acolhimento, a empatia e a valorização da individualidade da criança com TEA.</p> <p>Reconhecida a importância do cuidado sensível e humanizado.</p> <p>Profissional relataram dificuldades emocionais e insegurança diante do cuidado ao TEA.</p> <p>Ressaltada a necessidade de vínculo com a família e de escuta ativa.</p>

	<p>Brasileira de Ciências da Saúde</p> <p>Brasil 2021.</p>	<p>Dificuldade na comunicação e interação com a criança e seus familiares.</p> <p>Destacando a importância de acolher os sentimentos dos pais e fortalecer a confiança.</p> <p>Relatos de carência de preparo acadêmico sobre TEA durante a graduação.</p> <p>Reconhecimento da necessidade de capacitação contínua e suporte educacional.</p> <p>Insegurança profissional e despreparo para lidar com TEA.</p> <p>Escassez de treinamento acadêmico específico.</p> <p>Sentimento de limitação frente as demandas das crianças e famílias.</p>
3.	<p>Jerônimo T.G.Z., Mazzaia M.C., Viana J.M., Chistofolini D.M.</p> <p>Revista, Acta Paul Enfermagem.</p> <p>Brasil 2023</p>	<p>Enfermeiras destacaram a importância da observação do comportamento, orientação contínua aos familiares/cuidadores e uso de estratégias educativas.</p> <p>Articulações com família e escola foi apontada como essencial para a continuidade do tratamento.</p> <p>Ênfase na necessidade de manter todos os envolvidos (família, escola, CAPSij) falando a mesma língua para favorecer a evolução da criança.</p> <p>Foi relatado as dificuldades pelas enfermeiras: Identificar sinais precoce e acompanhamento contínuo do desenvolvimento infantil. Lentidão no processo terapêutico das crianças exigindo persistência e motivação familiar. Dificuldade em manter articulações entre CAPSij, família, escola e demais instituições.</p> <p>Carência de preparo específico na graduação em enfermagem, para lidar com TEA, sendo a experiência prática no serviço a principal fonte de aprendizado.</p> <p>O apoio constante da equipe de saúde é necessário para que a família não desanime diante da evolução lenta.</p>
4.	<p>Magalhães J.M., Sousa G.R..P., Santos D.S.S., Costa T. K S L. C., Gomes T.M.D G., Neta M.M.R., Alencar D. C.A.</p> <p>Revista, Baiana Enfermagem</p> <p>Brasil</p>	<p>Na amostra teve um predomínio de crianças do sexo masculino (90,9%), a maioria residia com os pais (63,6%), com nível de escolaridade mais frequentes no ensino fundamental I (54,5%), renda familiar até 2 salários mínimos (81,8%), tempo de acompanhamento entre 2 a 4 anos. Os diagnósticos de enfermagem mais identificados foram: 1. Déficit no autocuidado para alimentação, banho vestir-se, higiene íntima e bucal. 2. Isolamento social (relacionado ao desejo de estar sozinho). 3 Disposição para melhorar do autocuidado ex. pentear os cabelos.</p> <p>Como proposta de intervenções teve estimular a independência e autonomia da criança. Utilizar estratégias lúdicas para orientar e envolver a criança, orientar e fortalecer laços com famílias/cuidadoras</p>

	2022.	continuando o cuidado em casa. Incentivar rotinas e realizações por períodos. Apoiar interação social por meio de brincadeira, jogos e histórias sociais.
5.	Rodrigues P.M.S.,Albuquerque M.C.S., Brêda M.Z. Bittencourt I.G.S., Melo G.B.M., Leite A.A. Revista, Enferm. Esc. Anna Nery Brasil 2017.	Criança diagnosticada com síndrome de Asperger (TEA). Aplicado a teoria do autocuidado de Orem e uso da estratégia Social Stories para desenvolver habilidades de autocuidado. Algumas intervenções foram traçadas e bem elaboradas como: tomar banho, escovar os dentes, higienizar-se após usar o banheiro. Foi observado melhoras significativas na autonomia da criança o uso das Stories Stories contribuiu para estruturar rotinas, reduzir dificuldades de compreensão e aumentar a adesão ao autocuidado.
6.	Franzoi M.A.H., Santos J.L.G., Backes V.M.S., Ramos F.R.S., Revista, Texto & Contexto Brasil 2016	Desenvolvido na CAPS, plano piloto (DF), com foco na utilização da intervenção musical, como estratégia terapêutica para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi realizado atividades com uso da música, sons corporais, danças e histórias musicais, construção de instrumentos de forma coletiva, realizado atividades considerando cada criança na sua singularidade. Observado que a música estimulou a interação social comunicação verbal e não verbal, novas formas de expressão e redução de comportamentos de isolamento
7.	Waxegård G., Thulesius H. Editora, Taylor & Francis Internacional Suécia 2016	A maior dificuldade foi a sobrecarga da complexidade no cuidado com pacientes com Neurodesenvolvimento, que envolve fatores clínicos, sociais e organizacionais. O conceito de descompactação foi destacado como estratégia – chave para lidar com a complexidade do cuidado em (ND). Esse controle possibilita organizar classificar e interpretar múltiplas variáveis que influenciam o cuidado. Os profissionais destacaram que a heterogeneidade dos casos e a variabilidade genética, social e ambiental tornam o trabalho mais pesado e confuso com dificuldade de transmitir informações aos pais. Foi relatado algumas falhas subconceitualização organizacional. O estudo ressalta que a falta de preparo e de instrumento consistentes gera insegurança para profissionais e famílias.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Quanto as bases de dados foram encontradas: 4 artigos no BDENF, 2 artigos no LILACS e 1 artigo na MEDLINE. Quanto a abordagem metodológica a predominância dos 07 artigos foi a pesquisa de abordagem qualitativa, sendo 5 por meio de entrevista, 1 por relato de experiência e 1 por estudo teórico fundamentado.

Esses artigos foram publicados a maioria no Brasil e um publicado na Suécia no Norte da Europa. Em relação às publicações aos tipos de periódicos destaca-se 4 (quatro) revistas brasileiras de enfermagem e 3 (três) da área da saúde.

5.1 CONCEITO DO ENFERMEIRO SOBRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Os artigos analisados apontaram que os enfermeiros, em sua maioria, manifestaram dificuldade em apresentar o conceito do que é Transtorno do Espectro Autista (TEA). Observou-se que poucos estudos trouxeram uma descrição detalhada do termo, revelando lacunas importantes no conhecimento teórico dos profissionais.

Um dos artigos, inclusive, demonstrou maior dificuldade ao especificar o conceito, limitando-se a informações gerais e pouco aprofundadas, se baseou para explicar o transtorno a partir das emoções fragilidades vivenciadas durante os seus atendimentos, o que reforça a necessidade de capacitações contínuas sobre TEA no âmbito da enfermagem. Soeltl, Fenandes, Camillo (2021), apontaram que os profissionais de enfermagem demonstraram situações angustiantes e sentimento de insegurança diante do cuidado prestado a pessoa com TEA, o que evidencia fragilidade na preparação e no suporte a esses trabalhadores.

O estudo de Kouo et al, (2021) identificaram maiores dificuldades durante a triagem de sinais vitais e demandaram mais frequentemente pessoal adicional para procedimentos como a inserção de acesso venoso periférico. Além disso esses pacientes possuíam índices de complexidade de tratamento (TCI) significativamente maiores em relação à população neurotípica, demonstrando maiores desafios no manejo hospitalar.

Para a enfermagem isso significa a necessidade de estratégias alternativas de comunicação, como o uso de pictogramas, linguagem simples e apoio da família, para favorecer o cuidado seguro e diminuir a ansiedade da criança.

Os resultados de Carrington *et al*, (2016) sugerem que embora haja interesse comum em ampliar o acesso ao conhecimento sobre TEA, existem percepções distintas sobre como esse conhecimento deve ser compartilhado e aplicado.

A própria prática de enfermagem se implica em pesquisar regularmente estratégias que alcance a pesquisa da realidade clínica, certificando que sobressaias científicas se vertam em

cuidados humanizados, eficazes e culturalmente adequados às necessidades das crianças com TEA e de suas famílias.

Segundo Jerônimo *et al*, (2023) as enfermeiras relataram dificuldades relacionadas a identificação precoce de sinais ao acompanhamento contínuo do desenvolvimento infantil e a condução do processo terapêutico das crianças com TEA o que exige persistência, motivação e apoio familiar constante.

Sandri, Pereira, Corrêa (2022), relataram dificuldades em reconhecer os sinais do TEA apenas pela observação clínica, sendo o diagnóstico frequentemente identificado a partir das informações fornecidas pelos familiares. Os profissionais mencionaram que as manifestações mais perceptíveis estavam relacionadas ao comportamento, como ausência de contato visual, irritabilidade, e alterações na comunicação, mas ainda assim revelaram limitações em seu conhecimento sobre o transtorno.

A definição do conceito de TEA foi apontada com base nas evidências científicas a partir do artigo de Corrêa, Gallina, Schutz (2021). Ao compreender o Transtorno do Espectro Autista como uma condição neurológica que repercute no desenvolvimento psicológico, social e relacional do indivíduo. Os principais sinais observados em indivíduos com TEA incluem: atraso na fala, irritabilidade, presença de movimentos repetitivos, falta de interesse social, isolamento, choro persistente e dificuldade relacionais.

Os resultados de Righi *et al*, (2019), apontam que crianças e adolescentes com TEA internados apresentam maior gravidade clínica, comorbidades psíquicas mais frequentes, sobretudo transtornos de humor, além de problemas de sono e piores desempenhos em habilidades adaptativas, quando comparados a pacientes em regime ambulatorial.

Em síntese, os estudos mostram que os enfermeiros ainda têm dificuldades para compreender e reconhecer o TEA na prática clínica, seja pela falta de preparo, pela insegurança diante dos sinais ou pelas limitações na comunicação com a criança e a família.

Por isso fica claro que é necessário aprimorar o conhecimento e fortalecer um cuidado mais seguro e adequado. A partir desse entendimento sobre como o enfermeiro percebe o TEA, passa-se agora à próxima categoria, que aborda as condutas adotadas pelos profissionais na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista.

5.2 CONDUTA DO ENFERMEIRO AS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

A conduta do enfermeiro no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista envolve ações técnicas, atividades terapêuticas, educativas e lúdicas que exigem sensibilidade e conhecimento especializado. A utilização dos Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) contribui para identificar precocemente sinais de risco no desenvolvimento infantil, permitindo intervenções oportunas. Nesse processo torna-se fundamental acolher os sentimentos dos pais, reconhecendo suas angústias, dúvidas e expectativas, e fortalecendo o vínculo entre a equipe, a criança e a família.

Segundo o artigo de Corrêa, Gallina, Schultz (2021), os enfermeiros reconhecem a triagem precoce como uma das principais atribuições da enfermagem destacando-se que quanto mais cedo o transtorno é identificado, mais rapidamente se pode iniciar o tratamento e assim favorecer a melhora do prognóstico.

A observação do comportamento infantil, aliada aos relatos fornecidos pelos pais durante a consulta de puericultura, constitui recurso fundamental para identificar precoce alterações no desenvolvimento.

De acordo com o autor Corrêa, Gallina, Schultz (2021), é de suma importância a utilização de protocolos como os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) pois considerado uma estratégia, destacando-se pela objetividade, praticidade, presença de checklist, de observação e organização por faixa etária.

Um destaque encontrado na amostra dos artigos é a humanização. O cuidado de enfermagem à criança com TEA tem o objetivo de priorizar o acolhimento, empatia e a valorização da individualidade da criança, reconhecendo ainda a importância de uma assistência sensível e humanizada. No estudo de Soeltl, Fernandes, Camillo (2021) foi ressaltada a relevância de acolher os sentimentos dos pais e promover o fortalecimento da confiança no vínculo entre família e equipe de enfermagem.

Corroborando com os autores supracitados, no que se refere ao cuidado, observou-se que o acolhimento inicial nas Unidades de Pronto Atendimento da Saúde UPAS tende a ser rápido, dependendo fortemente da contribuição dos pais ou responsáveis para a compressão da criança. Quanto a análise de Sandri, Pereira, Corrêa (2022) os enfermeiros destacaram tanto a importância da participação familiar quanto as dificuldades enfrentadas, como o excesso de zelo ou superproteção dos acompanhantes, que por vezes prejudicavam a assistência.

A ludicidade é apontada como uma conduta de enfermagem para a criança com TEA. De acordo com Magalhães *et al*, (2022) o uso de estratégias lúdicas mostrou-se importante para orientar e envolver a criança, ao mesmo tempo em que fortalece os laços com as famílias/cuidadoras, favorecendo a continuidade do cuidado no ambiente doméstico.

Assim cabe ao enfermeiro desenvolver estratégias preventivas como a adequação ambiental, uso de comunicação não verbal, preparo emocional do paciente e envolvimento dos cuidadores, para reduzir a necessidade de medidas coercitivas e garantir um cuidado mais humanizado.

Segundo os autores Rodriguês *et al*, (2017) a aplicação do processo de enfermagem com base na Teoria do Autocuidado de Orem em crianças com TEA, utilizando a estratégia Social Stories como recurso para estimular o desenvolvimento de habilidades de autocuidado.

O estudo de Magalhães *et al*, (2022) destaca que o cuidado de enfermagem à criança com TEA deve incluir ações voltadas ao fortalecimento da autonomia e da independência, sobretudo nas atividades de autocuidado, como alimentação, higiene e cuidados pessoais. Os autores destacam que o estímulo à realização dessas tarefas favorece o desenvolvimento funcional e contribui para maior participação da criança em sua rotina. Além disso, enfatizam a necessidade de incentivar rotinas organizadas por períodos, pois a estruturação do dia auxilia na compreensão das atividades, reduz ansiedade e aumenta a capacidade da criança de executar ações de forma mais segura e previsível. Mostrando-se eficaz para organizar rotinas, reduzir dificuldades de compreensão e favorecer a adesão da criança às práticas de autocuidado, promovendo avanços significativos em sua autonomia.

Os autores Frazoi *et al*, (2016) apontaram atividades terapêuticas com uso de músicas, sons corporais, danças, histórias musicais e construção coletiva de instrumentos, valorizando a singularidade de cada criança no processo. Foi observado que a música favoreceu a interação social, estimulando a comunicação verbal e não verbal, proporcionando assim novas formas para expressão e ajudar na redução de comportamentos isolados.

A conduta do enfermeiro no cuidado à criança com TEA, deve integrar sensibilidade conhecimento, técnico e estratégias adaptada às singularidade do desenvolvimento infantil. Cabe ao profissional reconhecer necessidade sensorial e comportamentais, acolher a família, utilizar ferramentas avaliativas adequadas e empregar intervenções lúdicas e estruturadas que favoreçam comunicação, autonomia e segurança. Ao aplicar o Processo de Enfermagem com base em referenciais teóricos e recursos terapêuticos ajustados ao TEA, o enfermeiro promove um cuidado humanizado, qualificado e centrado na criança e na família.

5.3 FORMAÇÃO ACADÊMICA EM ENFERMAGEM E OS DESAFIOS NO CUIDADO À CRIANÇA AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

A formação acadêmica em enfermagem ainda apresenta fragilidade importantes quando se trata da preparação para o cuidado às crianças com Transtorno do Espectro Autista. Profissionais recém-formados, especialmente aqueles com menor tempo de experiência, frequentemente relatam insegurança ao lidar com comportamentos específicos, crises sensoriais e formas diferenciadas de comunicação presentes no TEA. Essa insegurança é agravada pela carência de preparo acadêmico, já que muitos currículos oferecem contato limitado com conteúdo sobre neurodesenvolvimento, práticas inclusivas e manejo clínico e comportamental no contexto do autismo.

Além disso dificuldades quanto a interpretação de algumas necessidades da criança, como sinais sutis de desconforto, ansiedade ou sobrecarga sensorial, tornam o processo assistencial mais complexo. Esses desafios evidenciam a necessidade de maior investimento em capacitação, práticas supervisionadas e formação continuada para que o enfermeiro atue de forma segura, qualificada e humanizada.

Como afirmam Corrêa, Gallina, Schultz (2021), os profissionais de enfermagem relataram sentimento de insegurança e desafios ao abordar famílias diante da suspeita de TEA, especialmente aqueles com menor tempo de formação, destacando ainda a ausência de preparo acadêmico específico sobre o tema. Entre os desafios enfrentados pelos profissionais esteve: a dificuldade de interpretação de algumas questões e a falta de familiaridade prévia como o (IRDI) instrumento utilizado.

Os relatos de Soeltl, Fernandes, Camillo (2021), evidenciam carência de preparo acadêmico sobre TEA durante a graduação, além da percepção da necessidade de capacitação contínua e suporte educacional. Segundo Carrington *et al*, (2016), no contexto da enfermagem tal achado: onde os enfermeiros têm dificuldade de acessar e aplicar conhecimentos atualizados sobre o TEA, principalmente conteúdos técnicos e baseados em evidências.

Por causa disso, o cuidado às crianças com TEA acaba sendo prejudicado. Pois o cuidado de crianças com TEA exige a utilização de práticas baseadas em evidências, adaptadas à realidade clínica e familiar. A dificuldade dos profissionais em acessar conteúdos exclusivamente técnicos reforça a necessidade de estratégias de tradução do conhecimento, como materiais resumidos, guias práticos e formações voltadas para a prática assistencial.

Dessa forma a informação em ações concretas de cuidado, beneficiando não apenas os profissionais, mas sobretudo as crianças e suas famílias. Os profissionais também expressam

insegurança e despreparo para lidar com o transtorno apontando escassez de treinamentos expresso e específicos e sentimentos de limitação diante das demandas das crianças e famílias.

Segundo Jerônimo *et al*, (2023) foi apontado a falta de preparo específico durante a graduação em enfermagem para lidar com o TEA, sendo a experiência prática no serviço considerada a principal fonte de aprendizado dos profissionais.

Conforme os relatos de Sandri, Pereira, Corrêa (2022) foram explanadas estratégias de cuidado voltadas à adaptação da comunicação, como o uso de linguagem simples e pausada, além da tentativa de manter o ambiente mais calmo e acolhedor. Alguns profissionais mencionaram a necessidades de afastar a criança de locais muito barulhento, evidenciando a inadequação da estrutura física das UPAs para atender às demandas específicas do TEA. Apesar disso ressaltaram esforços para proporcionar um atendimento humanizado e atento às singularidades dos pacientes.

A principal barreira mostrada pelos profissionais foi a sobrecarga gerada pela complexidade do cuidado a pacientes com Transtorno do Neurodesenvolvimento que compreende fatores clínicos, sociais e organizacionais.

Conforme afirma Jerônimo *et al*, (2023) a falta de preparo dos profissionais de enfermagem e a ausência de instrumentos padronizados contribuem para gerar insegurança tanto nos trabalhadores quanto nas famílias.

Os achados de Kouo *et al*, (2021) reforçam que o cuidado hospitalar de indivíduos com TEA exige maior preparo da equipe multiprofissional, uma vez que a comunicação limitada e a presença de comportamentos desafiadores elevam a complexidade do manejo. Dessa forma estratégias de capacitação profissional e protocolos específicos são fundamentais para reduzir a necessidade de contenção e garantir um cuidado mais humanizado.

Dessa forma, a enfermagem pode contribuir adaptando o ambiente no planejamento prévio de condutas e na comunicação eficaz entre equipe e família, reduzindo risco e tempo de internação.

O estudo de Waxegar, Thulesius (2020) destacaram que a heterogeneidade dos casos e variabilidade genética, social e ambiental tornam o cuidado mais complexo, dificultando inclusive a transmissão de informações claras aos pais.

Dessa forma, percebe-se que o espectro do transtorno está envolvido de desafios, seja no diagnóstico ou nas intervenções. No estudo de Kouo *et al*, (2021), verificou-se que crianças com TEA necessitam com maior frequência de pessoal adicional para realização de procedimentos e inserção de acesso venoso periférico. Além disso, planos de interrupção de cuidados foram mais comuns nesse grupo. Destaca-se ainda que o diagnóstico de TEA esteve

associado a maior probabilidade de receber contenção física ou farmacológica durante a internação.

O enfermeiro, como profissional que permanece mais próximo do paciente e da família, tem o papel central na construção de um plano de cuidado individualizado, capaz de diminuir o sofrimento da criança e de melhorar a experiência hospitalar. Protocolos específicos, capacitação contínua e o fortalecimento da rede de apoio familiar são estratégias fundamentais para qualificar a assistência.

Sendo assim, compreende-se que, embora os estudos mostrem avanços importantes na assistência à criança com TEA, ainda existem lacunas significativas na formação e na prática de enfermagem. Considera-se que o enfermeiro necessita de maior preparo técnico e emocional para lidar com as particularidades desse público, assim como de estratégias que favoreçam o envolvimento efetivo da família.

5.4 APOIO FAMILIAR NO PROCESSO DE ENFERMAGEM AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Segundo Soeltl, Fernandes, Camillo (2021), o estabelecimento de vínculo com a família e a adoção da escuta ativa configuram-se como estratégias fundamentais na assistência de enfermagem direcionada à criança com TEA. Para os atores, compreender as demandas familiares possibilita ao enfermeiro desenvolver um cuidado mais acolhedor, sensível e alinhado às especialidades do transtorno.

O estudo de Righi *et al*, (2019), evidenciou que o déficit no comportamento adaptativo está diretamente relacionado à sobrecarga familiar e ao aumento do risco de internações, especialmente quando coexistem comorbidades psiquiátricas. Nesse contexto, o enfermeiro desempenha papel essencial ao identificar sinais de desestabilização e orientar a família quanto à adoção de estratégias de manejo que possam reduzir agravamentos clínicos. A literatura reforça a relevância de práticas educativas e de cuidadores, fortalecendo habilidades adaptativas e prevenindo a necessidades de hospitalizações frequentes.

De acordo com Jerônimo *et al*, (2023) a orientação contínua oferecida aos pais pela equipe de enfermagem constitui um recurso indispensável, para o sucesso do tratamento. O apoio familiar, quando adequadamente conduzido e motivado pelo enfermeiro, favorece o envolvimento dos responsáveis no cuidado cotidiano, contribuindo para a evolução gradual do quadro clínico da criança.

De acordo com o estudo de Righi *et al*, (2019) também destacou que o bom funcionamento adaptativo e o suporte familiar, especialmente quando o cuidador demonstra estabilidade emocional, atuam como fatores de proteção frente à necessidade de hospitalização psiquiátrica. Nesse cenário, cabe ao enfermeiro reconhecer fragilidades, fortalecer vínculos e orientar práticas que promovam segurança e estabilidade, tanto para a criança quanto para seus cuidadores.

Considerando os estudos analisados, percebe-se que o apoio familiar é um elemento indispensável para qualificar o cuidado prestado pela enfermagem às crianças com TEA. A análise dos estudos, evidencia que a atuação do enfermeiro deve ir além do cuidado técnico, incorporando práticas educativas, comunicação sensível e ações que valorizem a participação ativa da família.

Sendo assim, a literatura evidencia que, embora existam estratégias eficazes, ainda há fragilidades na formação profissional e na disponibilidade de recursos que sustentem esse processo. Portanto, compreende-se que investir na capacitação do enfermeiro e na inclusão sistemática da família no cuidado não apenas aprimora a assistência, mas contribui para um ambiente de acolhimento, segurança e melhor adaptação da criança durante o tratamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise dos estudos selecionados, observou-se que a atuação do enfermeiro é fundamental para garantir um cuidado humanizado, individualizado e voltado às necessidades específicas de cada criança com transtorno do espectro autista.

Os resultados evidenciaram que as principais condutas de enfermagem envolvem o acolhimento empático, a comunicação adaptada, o manejo adequado de comportamentos e a criação de um ambiente tranquilo e seguro. Destacou-se também a importância do envolvimento da família e da atuação multiprofissional, pois o cuidado à criança com TEA requer uma rede de apoio que promova confiança e conforto tanto para o paciente quanto para seus responsáveis.

Entretanto, a literatura analisada aponta que muitos profissionais ainda demonstram insegurança diante do entendimento a crianças com TEA, o que reforça a necessidade de capacitação contínua e de inclusão desse tema na formação acadêmica em enfermagem. O preparo técnico e emocional é essencial para que o enfermeiro possa reconhecer sinais, compreender as particularidades do transtorno e desenvolver estratégias eficazes de cuidado.

Conclui-se que o enfermeiro exerce papel indispensável na promoção de uma assistência integral e humanizada à criança com TEA. O estudo destaca-se a importância de ampliar programas de capacitação específicos sobre o TEA e desenvolver protocolos que orientem a prática assistencial. Nota-se que parte da literatura ainda aborda o TEA de forma generalizada, dificultando a aplicação de intervenções mais individualizadas. Ressalta-se a escassez de pesquisas nacionais voltadas especificamente para a atuação do enfermeiro, o que indica a necessidade de novos estudos que aprofundem essa temática.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, A.R. *et al.* Revisão reflexiva bibliográfica: o sofrimento psíquico da criança hospitalizada. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 3, p. 32910313499, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13499>.

ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. 1-12, Minas Gerais, e 180896, out 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>.

ARAÚJO, C. F. *et al.* Acolhimento à família de neonatos internados em Unidade de Terapia Intensiva: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Enfermagem Atual In Derme**. v. 95, n. 34, p. e-021063, 2021. DOI: 10.31011/reaid-2021-v.95-n.34-art.1014. Disponível em: <http://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/1014>. Acesso em: 24 abr. 2025.

ARAÚJO, B.C.L.*et al.* Disfagia no Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **Distúrb Comun.BR**, v. 36, nº 1, e-65311, São Paulo, 2024. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2024v36i1e65311>.

BARBALHO, M.B.S.; SILVA, G.G.D. Desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na hospitalização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.16, n.11, p. 26136-26154, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.11-081.

BASTO, A.T.O.S., CEPellos, V.M. Autismo nas organizações: percepções e ações para inclusão do ponto de vista de gestores. 2023. **Cad. EBAPE.BR**, v. 21, nº 1, p. 2022-0061, Rio de Janeiro, 2023.

BRASIL. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156 p. ISBN 978-85-334-2108-0.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diário da União**, Brasília, DF, 2013. Seção: 1, p.59. Trata-se de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 01/05/2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. Acessado em 24 de abril de 2025.

CARVALHO, E.O.L *et at.* Experiência da criança sobre a hospitalização: abordagem da sociologia da infância. **Cogitare Enfermagem**, v. 25, n. i0, p. 71321, 2020. <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/71321>. //doi.org/10.5380/ce.v25i0.71321. Acesso em: 17 abr.2025.

CARRINGTON, S.J. *et al.* Knowledge acquisition and research evidence in autism: Researcher and practitioner perspectives and engagement. **Research in Developmental Disabilities**. v. 51-52. p. 126–134. 2016. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2016.01.011>.

CORRÊA, I.S.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L.F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista APS**. v. 24/2. p. 282/95. Abril/jun. 2021. <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>.

FRAZOI, M.A.H. *et al.* Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Revista Texto contexto – enferm.** v. 1. p. 25, 2016. <https://doi.org/10.1590/0104-070720160001020015>.

GIRIANELLI, V.R. *et al.* Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019. **Revista de Saúde Pública**. v. 57, n.21, 2023. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004710>. <https://doi.org/10.36239/revisa.v13.n2.p387a396>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Nota sobre o questionário Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques/32272-nota-sobre-o-questionario-do-ceso-2022.html>. Acesso em 8 abr. 2025.

JERÔNIMO, T.G.Z. *et al.* Assistência do enfermeiro (a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paul Enfermagem**, v. 36, e APE030832, 2023. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO030832>.

KOUO, T. *et al.* Assessing Ease of Delivering Emergency Care for Patients with Autism Spectrum Disorders. **J Dev Behav Pediatr**, v. 01, nº 42/9 p. 704–710, December, 2021. Doi:10.1097/DBP.0000000000000974.

MAGALHÃES, J.M. *et al.* Diagnósticos e Intervenções de Enfermagem em Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Perspectiva para o autocuidado. **Rev. Baiana Enfermagem**, Salvador, v. 36 e 44858, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v36.44858>.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 28, n. 1 e 20170204, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-TCE-2017-0204>.

MOHER, D. *et al.* Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA*. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 2, p. 335- 342, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>. Acessos em 01 maio 2025.

MOTA, M.V.S. *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 314-326, a 3746, jul / set. 2022. DOI: 10.22278/2318-2660.2022.
PONTES, F.P. *et al.* O impacto da hospitalização na criança e na família. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, e111111234161, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34161>.

RIGHI, G. *et al.* Predictors of Inpatient Psychiatric Hospitalization for Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder. **J Autism Dev Disord.** v. 48/11, p. 3647–3657. Nov. 2018. Doi:10.1007/s10803-017-3154-9.

ROCHA, C.C. *et al.* O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva.** v. 29, n.4, p. 290412, Rio de Janeiro, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312019290412>.

RODRIGUÊS, P.M.S. *et al.* Autocuidado da criança com espectro autista por meio das *Social Stories*. **Revista Esc. Anna Nery.** v.1 p.21. 2017.<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170022>.

SANTOS, L.C. Hipótese de pesquisa e questão norteadora. Quarteto. Salvador. 2019. Disponível em <https://pt.linkedin.com/pulse/hip%C3%B3tese-depesquisa-e-quest%C3%B5es-norteadoras-luiz-carlos-dos-santos>. Acesso 01 de maio de 2025.

SANDRI, J.V.A.; PEREIRA, I.A.; CORRÊA, T.G.L.P. Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde.** v. 43, n. 2, p. 251-262, jul./dez. Londrina, 2022. DOI: 10.5433/1679-0367.2022v43n2p251.

SAMPAIO, R.C.; LYCARIO, D. Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021. 155.ISBN: 978-65-87791-18-0. Disponível https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf. Acesso 01 de maio 2025.

SHAWA, G.S.L.; LEANDROB, L.; OLIVEIRA.R.R. Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista. **Revista de Estudios y Experiencias en Educación- REXE.** v. 20, p. 17-31, Bahía, 2021. <http://www.rexe.cl/ojournal/index.php/rexe/>.

SOELTL, S.B.; FERNANDES, I.C.; CAMILLO, S.O. The knowledge of the nursing team about autistic disorders in children in the light of the human caring theory. **ABCS Health Sci.** v. 46. e. 021206. 2021. <https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360>.

SOUSA, V.F.; ABREU, M.F.; BUBADUÉ, R.M. Enfermagem no Cuidado de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Revisa.** v.13/2, p. 387-96. 2024. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v13.n2.p387a396>.

WAXEGÅRD, G.; THULESIUS, H. Integrando o cuidado para transtornos do neurodesenvolvimento por meio da desconstrução do controle: um estudo de teoria fundamentada. **Revista Internacional de Estudos Qualitativos em Saúde e Bem-Estar,** v.1, p.11.2016. <https://doi.org/10.3402/qhw.v11.31987>.

APÊNDICES

ANEXOS

ANEXO A – Preferred Reporting Items Systematic Review and Meta-Analyses (PRISMA).

